

Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 reis a entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de...

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno 1883 numero 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100.

—ANNO II—7 DE JANEIRO DE 1883—N.º 46—

GERENTE PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAIO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRASIL

Anno 1883 numero 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100.

Esta assignatura da imprensa na Rio de Janeiro de vrs. Lino & Viana, Rua do Ouvidor.

SUMARIO

GRAVURAS — O palacio de Monaco. A volta do bosque. Uma sybilla. O leão de Lucerna.

TEXTOS — Actuidades, por Gomes da Silva. As nossas gravuras, por P. C. Um acto de desespero, por Mery. Rosicler, por Maximiliano d'Azevedo. Seleccia amena. O commendador Mendosa, por D. João Vateria.

ACTUALIDADES

Assim como succede, ou como deve succeder, nos governos constitucionaes, a rotaçao do poder, na chronica d'este jornal dá-se a rotaçao regular dos prosadores.— São quatro as *nunces* d'este iris de prosa alegre e domingueira, e quatro, por consequencia, os homens que a representam, e que semanalmente se revezam na posse e dominio das taes columnas d'esta revista.

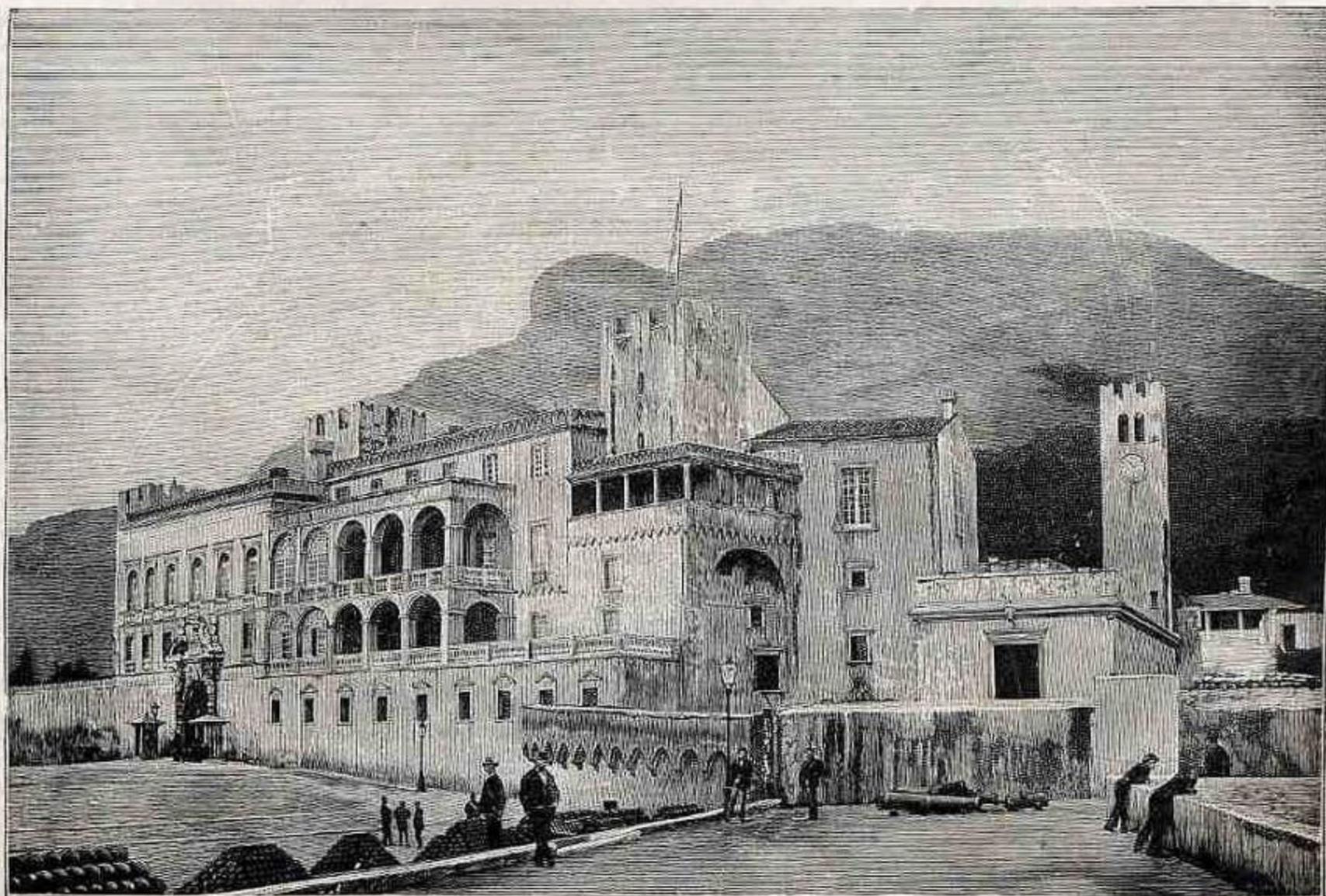
Gervasio é uma especie de Sampaio folhetonico,

afirmando-se Sampaio pela exuberancia do seu abdomen e folhetinista pela ligeireza do seu estylo elegante; Urbano é uma especie de Barjona folgassão, affeiçãoado ao ministerio da justiça e ao riso caustico d'um Javenal menos mordiz do que o antigo, e muito mais engraçado do que elle; Mesquita é um lyrico, não dos que hem poderiam representar de apaixonado pastorinho da serra, mas d'estes lyricos sonhadores como Hamlet, admiradores das rosas de Ophelia e das caveiras dos cemiterios.

Eu não sei o que sou, porque se acaso pretendo,

ao lançar a penna sobre o papel, descerrar-lhe os labios, como quem entreabre os labios para desprender um sorriso, a historia alegre bate as azas, como ave perseguida, e acho-me de subito no meio d'uma profunda consternação nacional.

Como fazem os meus garridos collegas, mal chega o meu domingo, atavio-me com esmero, sacudo da frente as nuvens preches d'uma tristeza convencional, recorro a chilreada sonora das creanças, as esperanças fagueiras dos amantes e as bernardices ridiculas dos enfatuados! Anedio o cabelo, conche-



O PALACIO DE MONACO



go e retorço as guias do meu buço franzino, sacudo o pó do peitilho lustroso, escovo as bandas e as abas da minha casaca solemne, e colloco sobre o coração uma flôr qualquer fresca, vistosa e aromática.

Quando, porém, vou dar por linda esta *toilette* feita em honra dos meus leitores, ordena-me a chronica importuna que para longe arremesse o laço irreprehensível da minha gravata branca e as minhas luvas *gris-perle*.

A minha *toilette* ao domingo está sempre de lucto! E se fosse uma especie de lucto da côrte, uma obediencia momentanea ás exigencias da pragmatica internacional, ainda poderia compensar n'um sorriso alegre e n'umas palavras vulgares o negrume das minhas vestes; mas não, este lucto que me visita, não só converte em azeviche a pellica com que seguro a penna de chronista, amortece-me o olhar, cerra-me os labios, punge-me o coração, e até seca e esfolha a flôr da *boutonniere*.

Não gosto d'isto francamente. — Nas horas de tristeza, quanto mais sincera ella fôr, mais predisposto me acho para o isolamento e para o silencio.

Trazêr para a publicidade, em guisa de consolidação, referencias insonsas aos ridiculos d'esta sociedade, quando ella, disfarçada e despretenciosamente, sacode uma lagrima de saudade, não julgo facil, nem se me affigura possivel; traduzir a todô o momento em phrases que cheiram a mortos como as mãos callosas d'um cozeiro, todas as amarguras da alma d'um homem ou d'um povo, não me parece util, nem se me affigura agradável.

Atravessar a ponte estreita e breve que liga as festas do *Natal* ás do *Anno Bom*, sem uma palavra de saudade, sem uma prophesia receiosa, pôde ser uma consequencia natural da preoccupação do nosso espirito, mas penetrar n'um dos annos do ultimo quarto do seculo XIX, como quem se abysma na magnificencia do atrio amplo, maravilhoso, d'um palacio encantado, sem vêr, sem attentar, sem comprehender que entre tantas galas esplendidas está o esquite d'um gigante, e provar que não merece o favor das maravilhas, quem não descobre sobre ellas o pantheon dos herôes.

Dizem as tradições da minha terra, que é sempre alegre e expansiva, prompta a saudar parentes e amigos, que um homem deve invadir os umbraes d'um anno novo, embora elle lhe traga mais uma ruga e mais um fio de prata á sua fronte risonha.

E era esse, na verdade o meu desejo:—entrar em casa do leitor com as galas das boas festas e com a palavra amena e scintillante dos que na verdade são ou dos que conseguem parecer felizes.

Assim, trajando lucto, em nome d'uma idéa, d'uma patria, d'uma raça até, sentindo no meu intimo e nos murmúrios da multidão que me cerca um queixume que vae do Tejo ao Sena, eu não sei gracejar como Gervasio, verrinar como Urbano, devaneiar como Mesquita, e fico-me sobre os destroços do meu estylo desvairado, como Eurico sobre as ruinas de Carteia—afflicto, pensativo, desalentado.

Pintaram os antigos o *Tempo*—com a figura d'um velho, venerando como Job, austero como um burgrave da feudal Allemanha, macilento e esqualido como a morte; na mão a immensa fouce, a seus pés a immensa ampulheta; e não sei porque, mas affigura-se á minha escandecida imaginação, que é o dedo fatidico d'este temível ancião que no relógio da vida firma, indica e faz soar em todo o mundo as doze badaladas sinistras que rematam os annos da nossa vida.

A' meia noite! Sim, áquella hora em que as aguas marulham, sem que as vejamos moverem-se, quando no ceu os luzeiros scintillam, como os leitos dos rios em noites de luar; á meia noite, quando, desde as feras nos desertos até ás aves nas ramarias, tudo caminha com a mudez sinistra dos reptis, morrer não é obedecer ás leis transformadoras do Universo, é succumbir perante a audacia d'um bandido.

E foi á meia noite que morreu Gambetta.

Quando um homem morre ao morrer um anno, parece que a sua existencia mais do que nenhuma outra tinha relação estreita com a rotação do mundo. Fechar um acto da comedia humana não foi já mais tarefa que a arte confiasse a um actor secundario. Com uma *tirade* de Gambetta pôde esplendidamente cahir o panno no grande palco da humanidade.

Depois, o ultimo suspiro do grande herôe de Tours, solto ao cantar do gallo da ultima noite de 82, pareceu o apito do contra-regra para que á scena tragica que findava, se seguisse, com todos esplendores da scenographia, o quadro da apotheose.

Representara-se o drama longo e commovedor, em que a França soffrera todas as consequencias dos seus erros, todas as perseguições dos seus inimigos, e no qual Gambetta, como anjo bom das oratorias surgira com um sorriso de bondade, e com a espada da justiça a defender e a regenerar—pobre martyr.

Quem diria ao ver as lonas sombrias das scenas do ultimo acto, que por traz d'ellas havia auroras e esplendores, que surgiram á luz da ribalta mal o grande actor findou a sua missão?

Eu tenho o fatalismo pela melhor das philosophias e por isso não me resigno a imaginar que a força creadora e reguladora do universo, á imitação do que pôde fazer um diplomata no concerto das nações, se colloque ao lado do chanceller allemão ou do advogado de Cahors.

Deus, quanto a mim, na sua qualidade de velho Padre eterno, tem o vulto e a inflexibilidade do Tempo que descrevi; mais do que—justiça tem os olhos vendados e os seus movimentos tem a regularidade anthomatica d'uma pendula.

Gambetta morreu por acaso. Se o acaso se mostrou partidario da prosperidade germanica, afogando na garganta de Gambetta o grito da desforra, bem partidario da França se revelou, dando o grande luctador á vida gloriosa que elle seguiu.

Não é justa, e pecca por chimerica a resignação que se funda nas recompensas d'além tumulo, mas é logica, verdadeira e convincente a que perdôa a morte, que nos perde, pelo nascimento que nos salvou.

No livro da gloriosa historia franceza, se Gambetta não tivesse morrido não seria a elle consagrado um capitulo inteiro. E esse capitulo, digamol-o assim, ainda não lindou.

Parece isto um absurdo, mas não é.

Gambetta morreu com cincoenta annos, e comtudo para a França nasceu apenas ha doze. E' que o processo Baudin, não foi só um processo de julgamento, foi tambem um processo de nascimento.

Pois, assim como Gambetta só nasceu para a historia muitos annos depois de ter surgido no mundo, assim deveremos suppôr que elle ainda não morreu, apesar... de já repousar a estas horas n'um cemiterio de Paris.

Não pretendo á heira da sepultura do illustre patriota dizer o que a admiração de muitos e a contricção de alguns pôde ter inventado para realce de necrologio; a homenagem que eu presto á memoria de Gambetta, é modesta e singela como a penna de

que disponho:—Se o seu nome encheu a França e hoje paira nos labios de todas as nações do mundo civilizado, bem pouco é que o chronista não recorde outro facto, além do da morte de Leão Gambetta.

GOMES DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O palacio de Monaco

Sabem o que é Monaco? E' a capital de um pequeno Estado, hoje o mais pequeno do mundo fiteiro, mas governado por um principe hereditario, que já tivemos a honra de hospedar em Portugal, não ha muitos annos. Por signal uma lavandeira lisboeta fugiu com a roupa branca do principe, expondo-nos assim a uma guerra formidavel com esse Estado liliputiano, que hoje conta nada menos de 1:200 habitantes.

As revoluções e as guerras europeas reduziram a mísera situação o principado de Monaco. Houve um tempo em que o principe de Monaco, Honorato ou Florestan (nunca passam d'estes dois nomes, excepto quando têm outros) estendia o seu dominio sobre tres cidades povoadas ao todo por 4:700 habitantes. Chamavam-se essas tres cidades Monaco, Menton e Roquebrune. Já então o grande *blagueur* Alexandre Dumas, ao visitar o principado, declarava que não podia o principe chegar á janella do seu palacio, e cuspir, sem cuspir para fora da fronteira, o que ás vezes podia trazer graves complicações diplomaticas. Era uma calumnia. Com algum cuidado o principe cuspi sempre dentro dos seus estados.

Veio porém a guerra de 1859, e Monaco teve de soffrer as amarguras da conquista. O principe de Monaco viu-se obrigado a ceder a França Menton e Roquebrune, ficando apenas com a cidade de Monaco, e os arrabaldes—1:200 habitantes ao todo. Note-se que o desgraçado principe, para maior infortunio, não é o unico soberano que alli governa. Monaco tem cinco soberanos, o principe protegido pela França, o rei de paus, o rei de espadas, o rei de ouros e o rei de copas.

Monaco effectivamente não é mais do que uma deliciosa casa de batota, situada á beira do Mediterraneo e a sombra das laranjeiras. Os habitantes prosperam com esta immoralidade. Como os lucros subiram espantosamente desde que se fecharam as casas de jogo da Allemanha, o principe alliviou os seus povos do peso das contribuições. Monaco é o unico paiz do mundo, onde se não pagam impostos. Que feliz gente!

Monaco já sentiu as angustias das revoluções. Ah! por 1848 correu pela população co principado o frenido da liberdade, e a população reclamou instituições constitucionaes. A revolução rugia nas ruas, armavam-se harricadas. O povo da capital mexia-se, as provincias (Menton e Roquebrune) agitavam-se. Formavam-se juntas provisórias. As tropas nos quartéis mantinham uma attitudo firme e heroica. O principe tencionava marchar com uma divisão de vinte e sete homens sobre a guarda nacional, que se compunha pelo menos de setenta e seis, mas o receio de travar uma lucta desigual e o desejo de evitar derramamento de sangue levaram o principe de Monaco a fazer queixa ás grandes potencias. As grandes potencias intervieram, e os Monaquenses accommodaram-se.

Foi Monaco o theatro escolhido por Victorien Sardou para n'elle se passar a scena do *Rabagas*. . . Nesse microcosmo foi que Sardou debata as questões da politica franceza, com acrimonia e com injustiça ás vezes, com felicidade muita vez. Fazendo de Rabagas a caricatura de Gambetta, e do principe de Monaco o retrato favorecido de Napoleão III, só se esqueceu de que Gambetta nunca transigira com o imperador, e nunca fora, nem quizera ser seu ministro.

A nossa gravura representa o palacio dos principes de Monaco, elegantissima construcção, onde Florestan podia passar uma vida mais regalada do que o seu confrade Alexandre III passa no seu Palacio de Inverno. No alfabeto monarchico Alexandre é o *alpha* e Florestan o *omega*, e hoje é muito melhor estar no fim do que no principio. Mas Florestan não comprehende a sua ventura, e passa em Paris a maior parte do seu tempo, deixando entregues aos reis dos quatro naipes o seu principado de operacõica.

A Volta do Bosque

A obra de que a nossa gravura é copia tem um caracter novo, porque representa, debaixo da forma escultural, uma pobre mulher, pesadamente carregada, e que, acompanhada por uma criancinha, volta do bosque proximo, aonde foi cortar um feixe de ramos seccos; o escultor soube reproduzir admiravelmente a fadiga da pobre mulher, que, já com as forças exaustas, procura segurar a carga com ambas as mãos.

O escultor a quem se deve esta obra original, é belga e chama-se Pedro Richard.

Uma Sybilla

O livro recentissimo de Bouché-Leclercq, intitulado *Historia da adivinhação na antiguidade*, dá-nos a respeito d'estes entes mysteriosos, cognominados sybillas, esclarecimentos curiosos. A chresmologia sybillina foi por assim dizer um protesto contra a chresmologia dos institutos manticos, o monopolio reclamado pelas corporações estabelecidas como a das pythonizas de Delphos. O culto sybillino foi, por assim dizermos, o lutheranismo das crenças divinatorias da antiguidade grega. Ligam-se com o culto de Apollo, mas de um modo que revela a sua indole insurgente, são sempre victimas do deus solar.

As sybillas não eram conhecidas no tempo de Homero, mas dos seus poemas, e em geral do periodo epico da Grecia é que ellas se derivam. A infeliz filha de Priamo, a celebrada Cassandra, é o primeiro prototypo das sybillas, como tambem em Thebas Manto, filha de Tiresias, e o outro original do mesmo typo divinatorio. Cassandra foi amante de Apollo, não amante affectuosa, mas amante subjugada, desesperada, e perseguida, Manto foi tambem victima do deus cruel. Estas duas figuras tomadas d'entre os personagens da legenda epica são a origem de todos os typos sybillinos.

Contudo as sybillas tem uma physionomia curiosa, só prophetizam desventuras, e isso manifesta mais um dos seus pontos de contacto com a desventurada presagiadora dos infortunios de Troia. Habitam no fundo das grutas, no seio das montanhas, como as nymphas, cujo culto com o seu culto se confunde.

Quando a idade as prostra, apenas d'ellas resta uma voz mysteriosa, uma voz sem corpo d'onde saia, sem labios que a proliam, que vibra na amplidão d'is bosques, no fundo das cavernas mysteriosas, isolada, fatal, triste como um presentimento, melancolica como o choror da agua nas fontes,

como o soltar da brisa nas cavidades das grutas.

Não havia primeiro as sybillas, havia a Sybilla. A pouco e pouco porém foram-se multiplicando. Varias cidades disputaram entre si a honra de lhe ter dado nascimento, e d'ahi resultou o dividir-se em tantas personalidades a Sybilla quantas eram as terras que para si a reclamavam. Houve a sybilla Eritrêa, a Phrygia, a Hellepontica, a Delphica e esta confundiu-se tambem com o mytho de Daphné, outra victima de Apollo, nymphia perseguida pelo deus libidinoso, e que os outros deuses compadecidos transformaram em loureiro para poder escapar ás suas perseguições, e outras ainda.

O typo sybillino passou da Grecia para Italia, e deu origem á famosa sybilla de Cumas, tão conhecida dos leitores de Virgilio. Roma, que primeiramente reverenciara o oraculo de Delphos, preferiu adoptar este oraculo italiano, e a sybilla de Cumas passou a ter suprema auctoridade. A sybilla era representada pelos seus proprios oraculos contidos nos famosos tres livros sybillinos, cuja entrada em Roma é objecto de uma curiosa lenda. Contava-se que uma mulher apparecera a Tarquinio Soberbo offerecendo-lhe o vender-lhe nove livros que encerravam os oraculos, por uma quantia enorme. Achou o rei exorbitante o preço, e não quiz. A mysteriosa vendedora partiu, queimou tres dos nove livros sybillinos, e voltou a pedir pelos seis restantes a mesma quantia que pe-lira pelos nove. Achou Tarquinio extravagante a idea, e de novo repellio a offeria. Partiu impassivel a mulher, que, depois de ter queimado mais tres livros, voltou de novo a pedir pelos tres restantes a mesma quantia que pedira pelos nove.

Impressionou-se Tarquinio com esta estranha insistencia e consultou os augures. Estes disseram-lhe que pagasse o que lhe pediam, lamentando que os não houvesse consultado mais cedo, para se evitar haverem-se perdido seis preciosos volumes. Pagou-se effectivamente o que ella pedia á extraordinaria mulher que desaparecera para sempre. Os romanos suppozeram que fora a propria sybilla de Cumas, que, antes de fechar a loja, quizera fazer uma boa liquidacão.

As sybillas tinham um caracter tão alheio á religião official do paganismo que a religião christã mesmo as aceitou e consagrou. Desdohrou-se apenas o typo sybillino em mais um exemplar — a Sybilla Hebraica, mas a Sybilla passou por ter annuciado o nascimento de Christo, a Sybilla tomou lugar entre os prophetas. E' que sybillas e nymphas e deuses lares não pertencem a uma certa mythologia, ou a uma certa chresmologia. Brotam naturalmente, em certos e determinados logares, em certas e determinadas circumstancias, da imaginação popular. A sybilla é a voz melancolica e prophética que resôa nos echos das montanhas, e na profundidade dos valles, e no ramalhar das folhas, e no ciciar do arvoredo, e no flebil murmurio das aguas. As sybillas são tambem, quando a imaginação dos povos lhes dá vulto e forma, umas creaturas vaporosas e melancolicas, tristes como as nossas mouras encantadas, e as damas brancas dos nevoeiros septentrionaes, prophetisas de desgraça que só apparecem quando algum infortunio está proximo. Por isso a grande artista Angelica Kauffmann, auctora do quadro de que a nossa gravura é copia, deu á sua sybilla um caracter vago e estranho, profundamente melancolico e um pouco desvastrado, como de quem tem o cerebro cheio de previsões de catastrophes, e que na chamma sinistra d'essa visão interior accende o lume vago dos seus olhos estranhos.

O Leão de Lucerna

Este leão moribundo de marmore, consagrado pelo canção de Lucerna a memoria dos soldados suissos que no dia 10 de agosto de 1792 morreram nas Tullerias a defender a causa da realza de Luiz XVI contra a republica, é devido ao cinzel brillantissimo de Thorwaldsen, o grande escultor dinamarquez, e ergue-se nas montanhas em cuja raiz se eleva a cidade de Lucerna.

É uma das obras primas do admiravel escultor que foi um dos dois grandes estatuarios que dominam a arte do seculo XIX, e que se chamam Thorwaldsen e Canova. Um e outro conseguiram gosar em vida todas as delicias inebriantes das apotheoses. Thorwaldsen sobretudo foi para os seus compatriotas objecto de um verdadeiro culto. Nascera no mar alto, quando sua mãe vinha em viagem da Islandia, onde vivia, para Copenhague. Principiara humildemente a sua carreira, trabalhando em esculturas em madeira como seu pae, um pobre e humilde operario. Obtendo o premio de Roma, partiu para a Italia e ahí se começou verdadeiramente a revelar o seu immenso talento. Custou-lhe ainda a romper, mas desde o dia em que um rico e illustrado negociante hollandez lhe pagou oitocentos escudos por um *Jasão*, pelo qual o artista pedia timidamente seiscentos, nunca mais o abandonaram a fortuna e o prestigio. Napoleão incumbiu-o de adornar — no prazo fixo de tres mezes — com uma serie de baixos-relevos, o palacio de Monte-Cavallo em Roma, para onde o grande imperador queria ir residir na excursão que tencionava fazer á famosa cidade. Os baixos-relevos de Thorwaldsen representavam a *Entrada de Alexandre em Babylonia*. Napoleão nunca os chegou a vêr, porque nunca fez a projectada viagem, mas foi tal o enthusiasmo que essas bellas composições despertaram que o grande escultor teve de as repetir duas vezes, para uma casa de campo do rei de Dinamarca, e para o conde Sommariva.

Então Thorwaldsen passou a ser o immortalizador consagrado de todas as glórias, que os povos queriam vêr eternisadas no marmore. A Polonia encarregava-o de erguer estatuas a Copernico, a Poniatowski, a Potocki; a Austria a Schwartzemberg; a Alemanha a Goethe, a Schiller e a Luthero; a Baviera ao principe Eugenio e ao rei Maximiliano. Gutemberg, Conradino e Byron tinham tambem as suas estatuas modeladas pelo grande escultor. A Suissa finalmente confiava-lhe a execucao d'esse leão de marmore que devia symbolisar nas montanhas de Lucerna a coragem e a lealdade de seus filhos.

A Dinamarca prestou ao mais glorioso dos seus cidadãos a mais solemne das homenagens. Quando se retirou para a sua patria, trazendo de Roma a quantia quasi fabulosa de setecentos e vinte contos de reis, ganhos com o seu cinzel, a Dinamarca recebeu-o como se recebe um rei victorioso, melhor ainda, porque além das pompas officiaes havia o enthusiasmo espontaneo. Thorwaldsen bem merecia realmente da sua patria, porque lhe glorificara o nome e lhe mostrara em todas as occasões o mais ardente amor filial. Da cathedral de Copenhague fez a mais brillante igreja dos paizes scandinavos. Para esse templo fez elle as treze estatuas colossaes de Christo e dos apóstolos, rodeando uns baptisterios elegantissimos, que eram as conchas, que uns anjos coroados de rosas seguravam nas suas brancas mãos de marmore. Ajustara Thorwaldsen estas obras por triala e seis contos de reis, mas essa remuneração entregou-a ao ministro para se fundar um museu a que ligou o seu nome, e ao qual doou ainda as suas magnificas colleções artisticas, fazendo-o finalmente herdeiro de

toda a sua riqueza. Por isso Thorwaldsen era verdadeiramente adorado na Dinamarca. Apontavam-n'o aos estrangeiros como a mais pura e a mais resplandecente das suas glórias. Apesar de todas estas apoteoses, Thorwaldsen não adormeceu sobre os seus

princípios a desenhar uma estatua de Hercules, a modelar um busto de Lutero, e acabara de modelar uma estatua equestre de Frederico VI da Dinamarca.

A sua morte foi rodeada de circumstancias tão estranhas como o seu nascimento. Nasceu no mar alto,

primeira representação, rodeado portanto, elle, o grande artista, de todos os prestígios e de todos os esplendores da arte.

A sua morte foi um lucto nacional para a Dinamarca, o seu enterro a mais brilhante apoteose que



A VOLTA DO BOSQUE

loiros. Nos seus ricos aposentos de conselheiro d'Estado, porque o rei, seu amigo intimo, dera-lhe essa elevada gerarchia, Thorwaldsen trabalhava como se estivesse ainda no seu pobre *atelier* de Roma, nas vespersas do dia em que o hollandez lhe dera oitocentos escudos por uma estatua pela qual elle nem se atrevia a pedir seiscentos. No dia em que morreu

vindo da Islandia para a Dinamarca, por esse caminho tantas vezes sulcado por esses antigos reis do mar que tinham ido, como elle, triumphar na Italia, e levar as praias floridas e luminosas do Mediterraneo a gloria dos paizes asperos e gelidos do Norte. Morreu, fulminado por um ataque de apoplexia, em pleno theatro, n'um camarote em que assistia a uma

póde imaginar-se, a mais solenne manifestação de reconhecimento de um paiz pelo homem que o illustrou com o seu bello talento universalmente admirado.

Os nossos leitores, que de certo — a não ser os que viajaram no estrangeiro — não conhecem as obras de Thorwaldsen, poderão apreciar na nossa gravura,

que é a pallida copia de uma das suas magnificas esculpturas, o talento do vigoroso artista.

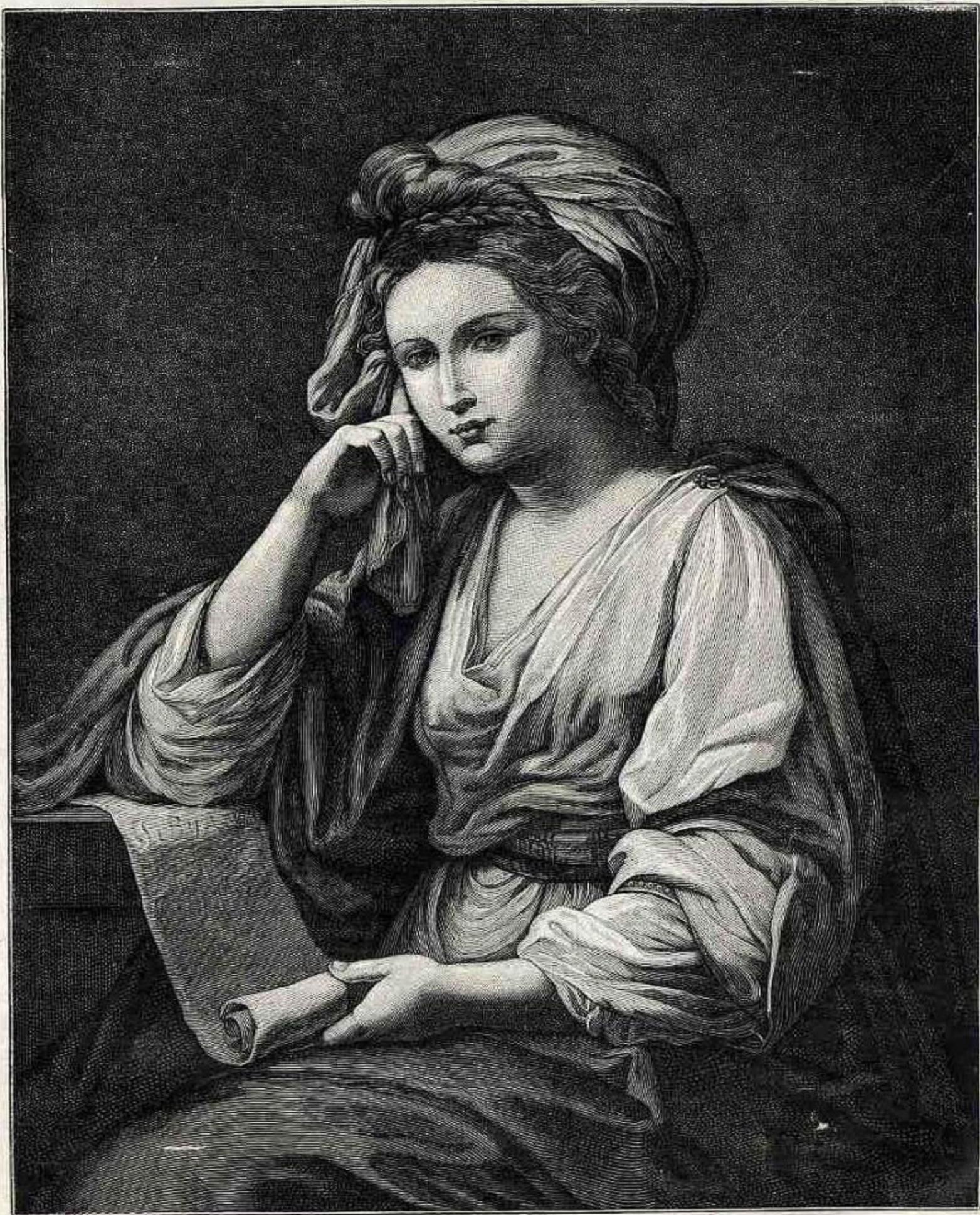
P. G.

ram postos em liberdade, logo depois de haver sido assignado o tratado de paz de 1814, e quasi todos atravessaram immediatamente o canal de São Jorge, com destino á patria querida.

No pequeno numero d'aquelles, que não mostra

uma cidade, que merecia ser habitada, tanto como qualquer outra, e resolveram por consequencia fixar a sua residencia, pelo menos provisoriamente, n'aquelle magnifico e hospitaleiro centro de população.

Havia tambem uma importante razão, que os le-



UMA SYBILLA

UM ACTO DE DESESPERO

por

Mery

(Versão portugueza de Julio de Magalhães)

I

Todos os prisioneiros francezes, que se achavam a bordo da presiganga de Kingstown, na Irlanda, fo-

ram a mesma pressa de sahir da terra do exilio, conservou Dublin os nomes dos marinheiros Celéstino e Xavier. Eram dois pobres orphãos, que pertenciam mais ao mar do que a terra, e que, não tendo no espirito quaesquer recordações queridas, taes como caricias maternas ou esposaes interrompidas pelos deveres do recrutamento, entenderam que Dublin era

vava a fundar um modesto estabelecimento em Dublin. Em quanto durara o seu longo captiverio, tinham elles empregado o tempo na exploração de um muito notavel talento artistico, de que eram dotados para os trabalhos em madeira. Haviam feito um verdadeiro museu, formado de varias peças, que se ajustavam umas nas outras, e cada grupo das quaes res-

presentava um dos muitos pontos de vista, que ficavam ao alcance do presidio fluctuante. E realmente o acaso da posição, que occupavam, tinha-os favorecido notavelmente, por quanto os dons da natureza e o trabalho dos homens haviam formado admiráveis perspectivas, no espaço comprehendido entre Kingstown e Dublin, até o promontorio de Howth-Hill.

Os dois marinheiros julgavam ter uma grande fortuna a explorar, mostrando o seu museu á população ou capital da Irlanda, e principalmente dispondo as coisas de modo a excitar a munificencia de um qualquer *lord* rico, que poderia ter o capricho de lhes comprar aquelle magnifico trabalho por um preço enorme. Celestino e Xavier não possuíam um unico *schelling*; mas, não obstante isso, ter-se-hiam recusado a vender o seu museu por vinte mil libras esterlinas, se alguém lhes propuzesse este preço. Orgulhosos como estavam com o merecimento artistico do seu trabalho, attribuiam a este um valor verdadeiramente fabuloso.

Arrendaram uma pequena sala na sobreloja de um predio situado na praça de *Christ-Church*, e dependuraram na janella uma grande taboleta, em que se liam as seguintes palavras, formadas por letras enormes:

Great attraction!

VENHAM VER

TODAS AS MARAVILHAS DA BAHIA
E DA CIDADE DE DUBLIN!

DUBLIN, FLOR DA TERRA, E PEROLA DO MAR!

ENTRADA: UM SCHELLING

Na Inglaterra a concorrência nunca falta ás exhibições de curiosidades, qualquer que seja a natureza. E' um paiz, cujos habitantes estão sempre promptos a dar um *schelling* a troco de uma commoção de dois minutos; e portanto a receita diaria, produzida pela exposição do notavel museu dos dois marinheiros era avultada.

Celestino e Xavier sonhavam com montanhas de ouro; no fim dos primeiros oito dias de exposição procederam á contagem do dinheiro em caixa, e encontraram a importante somma de cem libras esterlinas, em moedas de todos os tamanhos e metaes.

Tomando como base dos seus calculos o rendimento d'aquelles primeiros oito dias, esperavam possuir uma fortuna de milhões ao cabo de poucos annos, por quanto o seu plano era explorarem todas as grandes cidades da Inglaterra, e voltarem por fim para França em uma commoda carruagem de posta, e acompanhados por dois lacaios de libré.

Estes projectos, porem, foram destruidos em um momento pelo acaso, ou talvez mesmo pela inveja...

Um pavoroso incendio devorou a casa, em que os dois marinheiros haviam estabelecido o seu museu! Elles proprios estiveram a ponto do perder a vida, na occasião em que tentavam arrancar ás chammassas preciosidades artisticas, desgraçadamente muito combustiveis, em que fundavam as suas esperanças de fortuna futura. A instituição dos seguros contra incendio era, n'essa epocha, quasi desconhecida ainda em Dublin, e, quando mesmo assim não fosse os dois marinheiros não teriam pensado de certo em adoptar essa precaução.

Perderam tudo; o museu e mesmo as cem libras, que já possuíam, e que haviam tido a triste idéa de trocar por notas de cinco libras, as quaes servem para facilitar o curso das *bank-notes*.

Ficaram-lhes apenas dois ou tres *soberanos*, e algumas *coroas*. Era pão para quinze dias...

Kean e Kemble estorceram-se muito frequentes vezes em movimentos de desespero diante do publico inglez; mas a pantomina desoladora dos dois celebres actores nunca chegou a ter a afflictiva eloquencia das convulsões dos dois infelizes marinheiros. Celestino logo que pôde soltar palavras dos labios cadavericos, exclamou com os dentes cerrados:

— Malvada sorte a nossa! Algum demonio nos amaldiçoou no berço! Embarcámos no navio de guerra *Oriente*, e um bello dia sômos feitos prisioneiros em Aboukir, e mandados em seguida para os presidios de Plymouth. D'ahi conseguimos escapar-nos! Em Trafalgar sômos mettidos a pique com o *Infernet!* Prisioneiros segunda vez, vamos dar fundo em Kingstown! Durante dez longos annos de trabalhos na presiganga, fazemos vinte obras primas de madeira avariada, servindo-nos unicamente dos dedos, dos dentes e de um velho canivete! Recuperámos por fim a liberdade, e estamos em vespuras de ajuntar uma fortuna colossal! Eis que subitamente o inferno lança sobre nós uma amostra dos seus terriveis brazeiros, e queima-nos em vida!... Maldição!

Estas palavras eram pronunciadas pelo desventurado Celestino, na occasião em que atravessava a ponte de Santo Estevão, debaixo da qual rugiam as agoas do rio Liffey, consideravelmente engrossadas em consequencia do derretimento das neves. O desesperado marinheiro lançou um olhar para a amarellada torrente, e levantou em seguida o semblante em que se lia um sinistro pensamento, para dardejear o mesmo olhar fatal ao pallido rosto de Xavier.

— Comprehendo a tua idéa! disse este ultimo. Estamos destinados a morrer na agoa doce... Pois bem! abracemo-nos uma ultima vez, e cumpra-se a nossa sorte!

— Seja eu condemnado ás eternas penas, se não levar a cabo essa resolução! exclamou Celestino.

E, dando um pulo atirou-se para sobre o parapeiros de *Stephens-Bridge*. Xavier imitou-o. Os dois marinheiros crusaram os braços sobre o peito, como querendo significar que estavam irrevogavelmente decididos a morrer affogados, não obstante saberem nadar como verdadeiros lobos do mar, e precipitaram-se de cabeça para baixo nas agoas do Liffey.

O sinistro ruido, produzido pela queda dos dois corpos, acordou em sobresalto uma numerosa matilha de cães da Terra Nova, que pouco tempo antes havia começado o seu serviço junto da ponte. Lord O'Calligham, celebre philanthropo irlandez, fôra o fundador d'aquella estação de cães salvadores, e precisamente n'aquelle dia tinha a preciosa matilha en-sejo para fazer a sua estreia.

Os ageis e dedicados animaes correram vertiginosamente por sobre a margem do rio, e mergulharam. Os dois marinheiros sentiram-se immediatamente seguros pelo fato, e levantados para a superficie das agoas; mas como o seu projecto de suicidio era irrevogavel, lutaram contra os importunos salvadores com incrível energia.

Homens e cães agitaram-se em precipitadas convulsões no meio das agoas espumantes. Dir-se-hia que se estava travando ali um temeroso combate entre duas legiões de monstros marinhos. Dois cães, mais exercitados do que os outros nos trabalhos da salvagão de naufragos, e por consequencia mais encarniçados sobre os dois marinheiros, estavam prestes a receber uma triste remuneração do seu zelo, e já não exalavam das gargantas senão latidos abafados, semelhantes aos gritos da agonia, visto que haviam absovidido uma porção de agoa muito maior do

que é necessaria para allogar dez christãos; quando Celestino e Xavier, dominados subitamente por um sentimento de compaixão em favor dos dois pobres animaes agonisantes, os levaram consigo a nado para uma das margens do Liffey, e os salvaram assim da morte.

Os dois homens salvaram-se tambem ao mesmo tempo involuntariamente. A multidão, que em poucos momentos se agglomerara na margem do rio, e fôra testemunha d'aquella scena estranha, admirou francamente os cães e compadeceu-se dos dois marinheiros. O sheriff Edmund Tacker, um bom velho de mais de setenta annos, dirigiu um pequeno discurso, apropriado ás circumstancias, aos dois estrangeiros salvos das agoas, e conduziu-os proccionalmente á igreja catholica de São Patricio.

(Continua).

ROSICLER

O PASSARINHEIRO, O AÇOR E A COTOVIA

(DE LAFONTAINE)

A injustiça e o rigor desculpam-se em geral
Citando como exemplo a quantos fazem mal.
Ninguem deve esquecer a regra já sediga:
«Respeite sempre os mais, quem attentões cubiga.»

Certo dia um camponio armava aos passarinhos.—
Vem despontando abril, estão já sós os ninhos.
A grande natureza ha muito que não dorme.
O campo todo em flor ostenta um luxo enorme.
Imprime vibrações no ambiente perfumado
O constante esvoaçar do inquieto mundo alado.
E o homem de atalaya.

De repente sorri, dizendo: — «Talvez caia» —
«Cahir o que? Não sei.» Obejecta-me o leitor—
Era uma cotovia. A tola, a semsabor
Disponha-se a trocar a boa liberdade
Pela rede traiçoeira, e até, que ingenuidade!
Vinha cantando alegre a procurar a morte.

Ou se é, ou não se é forte!
N'este ponto um açor que andava pelos ares
Faminto, peneirando em voltas circulares,
Avista a pobresinha, e rapido qual seta
Silvando fende o espaço em breve linha recta:
Cale sobre a cotovia, empolga-a rudemente,
Aperta-a, despedaça-a, em furia recrescente.

Que barbaro glotão!...
Viu tudo o caçador e resolveu-se então
A puxar o cordel da perfida armadilha,
Que ao distraído açor enreda, envolve e pilha.
Colhido de improviso, o bicho quer soltar-se,
Mas logo dissuadido, usando de disfarce,
Murmura em voz mui doce:
«Meu caro caçador, sem duvida enganou-se.
Podia lá prender-me!... Eu nunca lhe fiz mal.
Replica-lhe o camponio: «E o pobre do animal,
Que ahí tens, fez-te algum?... Não me responderás?...»
O açor quiz responder, porem não foi capaz.

MAXIMILIANO D'AZEVEDO

SCIENCIA AMENA

O PLANETA VENUS

Venus, esse bello planeta que attrahiu ha pouco tempo a attentão dos astrónomos em tantas partes do mundo, é um planeta tão brilhante e maravilhoso que não deve ser tratado simplesmente como um posto de mediações. Não queremos pôr em duvida o valor das observações tomadas ultimamente por oc-

casão da sua passagem pelo sol. Foram dirigidas para o problema importantíssimo de saber a distancia que separa a terra do sol; e quando se conseguisse saber isto cuidadosamente poder-se-hia fazer um mappa completo do systema solar na verdadeira escala.

Deve parecer a todos os espiritos intelligentes, mesmo fóra do círculo da sciencia, muito simples e interessante este methodo. O plano, primeiramente recommendado por Halley em 1716, de fazer observações duplas de estações terrestres largamente separadas, do planeta Venus, quando elle se move por diante do sol, é na realidade o mesmo que o que seguem os caçadores de abelhas na America.

Untam uma abelha mestra com mel, e notam a direcção que segue a abelha quando se vê livre e voa. Seguem depois ao longo da floresta, e dão mel a outro foragido da colmeia selvagem, que segue nova direcção, dando ao observador pelo angulo que faz uma boa idéa da distancia e tambem da situação, da arvore cavada que elles desejam despejar. A admiravel perfeição com que os astrónomos realisam, seguindo o exemplo dos caçadores indians, a sua delicada parallaxe deve ser admirada por todos, e ha boas razões para esperar grandes resultados pelos numerosos registros da passagem que esperamos que nos deem a distancia do sol, com um erro não superior á bagatella de cem mil milhas.

Mas quem deixa de desejar que se ficasse sabendo alguma coisa mais acerca do «planeta do amor» quando tantos olhares penetrantes e poderosissimos telescópios foram dirigidos pacientemente para elle? Os antigos não sabiam que as estrellas da manhã e tarde eram dois aspectos da mesma dama argenta, que pela sua posição angular nunca pôde estar acima do nosso horizon te mais de tres horas depois do sol posto, e o mesmo tempo antes do nascer do sol.

«Hespero traz consigo tudo o que a luz do sol nos roubou»—assim conta Sapho—«Traz ovelhas e cabras para o descanso. Traz a creancinha para o peito». A poetisa, contudo, não sabia «que o brilhante e alegre Phosphoro, mensageiro dos raios», era o mesmo divino luminario. Nem mesmo os eruditos acreditaram por muito tempo que Venus girava em torno da terra até que Gallileu descobriu que mudava de pleno orbe para crescente, que era d'isso a prova certa. Receioso de declarar este facto antes de ter a certeza, mas com medo de que a sua descoberta pudesse ser feita por outrem, o grande Florentino escreveu-a n'um verso latino, que significa «A Mãe do Amor imita as metamorphoses de Cynthia.» Com immenso trabalho transpôz as letras d'este verso para um anagramma latino, significando «Verdades ainda não maduras, e debalde lidas por outros, são lidas por mim.»

Depois d'isto fizeram-se muitos estudos sobre esta brilhante irmã da Terra. As manchas da sua superficie, que podem ser continentes povoados de vida rica e variada, indicam pelo seu movimento que ella se move com a Terra, quasi o dia do mesmo tamanho. O formoso planeta, contudo, scintilla tão brilhantemente pela sua proximidade do orbe central que se tornam difficéis as observações. Como a deusa que representa, a sua belleza deslumbrante, prohibe uma observação muito audaciosa.

Assim toda a gente deve ter desejado saber alguma coisa mais a respeito d'este planeta, e deve-se ter alegrado ouvindo dizer que os astrónomos não se limitaram inteiramente nas suas recentes expedições a considerá-lo como um parcho negro na face do sol. Estes sabios estão hoje convencidos comple-

tamente, segundo parece, de que viram uma atmosphera em volta de Venus. Justamente quando se projectara quasi todo o seu disco sobre o sol, e depois quando aquelle disco começou a emergir-se do outro lado, os observadores notaram e photographaram, n'este anno assim como em 1874, um arco de luz franjando o planeta. Que era esta a luz do sol, está provado pela imagem photographica obtida durante uma exposição momentanea; e vendo que nenhuma parte do sol poderia ser visível para nós n'essa linha e n'esse ponto, a luz devia ter sido levantada, como foi, sobre a orla do planeta, até aos nossos olhos pelo poder refrangente d'uma atmosphera.

E' por este motivo que ao pôr do sol observamos uma imagem do sol por uma refração atmosphérica, quando elle na realidade e geometricamente desapareceu para baixo da linha do horizonte. Este arco da luz do sol em volta de Venus não pôde ser explicado de nenhum outro modo, a não ser por um involucro aereo rodeando o planeta, que pôde mesmo ser mais denso do que o nosso visto que tem tal força refrangente.

Mais do que isto, a natureza do arco, outr'ora e recentemente observado, fazem pensar aos astrónomos que o ar em volta de Venus varia de condição, como succede ao nosso, estando umas vezes cheio de nuvens e outras vezes sem nuvens. A aureola de ouro pallido não estava completa, mas parecia mais brilhante no fim e quebrada no meio, como se o véro n'uma parte da superficie de Venus deixasse passar a irradiação solar, enquanto os nevoeiros e os «dias de dezembro» em outra região—se realmente o «planeta do amor» experimenta estas cousas—obstruíssem os raios fortissimos do sol.

Em pouco tempo o halo parcial de luz em volta do planeta no nascente e no poente prova, segundo dizem, que Venus possui uma atmosphera, em quanto que o estado incompleto d'esta demonstra tambem que ha nuvens no brilhante céu do planeta. Se, contudo, ha nuvens ali ellas devem ser de vapor d'agua, cuja presença em volta de Venus e tambem denominada pelo espectroscopio. Estas nuvens de Hespero devera ser como as nossas, alimentadas pelo nevoeiro gelado. Portanto a nossa irmã planetaria deve ter mares e oceanos na sua superficie assim como a terra; e se aquellas manchas, que parecem ser prata cravejada na sua superficie, forem porções de terra firme, o nosso celestial vizinho entre os planetas interiores encerra a machina material da vida, mesmo a vida como a nossa, muitissimo modificada, como deve ser, pelo facto do que o planeta gira mais perto do sol céra de trinta milhões de milhas do que nós.

Que consequencias não terá esta descoberta aparentemente pequena! Todas as religiões que têm sido adoptadas na terra são Ptolomaicas, e não Newtonicas. Todas ellas tratam este globo como se fosse a unica sede da vida, e o sol, planetas, estrellas, e os systemas estellares como se fossem simplesmente lampadas da nossa habitação ou celestines pyralampas scintillando no céu da meia noite. Mas se cada planeta tem a sua dadia e o seu encargo de mais altas ou de mais baixas existencias—de gradações de vida misturadas umas com as outras, é provavel que as influencias physicas dos corpos celestes actuem e reajam mutuamente? Quam amplamente necessita a religião de elevar a sua linguagem e de expandir o seu ensino, a fim de fallar adequadamente a uma geração que se assenhoreou d'esta immensa ideia. Contudo ao passo que essa concepção intervem na economia da natureza, na

magestade da criação, e em quasi todas as vistas excepto as da vaidade ignorante do homem, a Sciencia, ao varrer o céu, não só nos não diz nada que ponha obstaculos ao pensamento, mas a cada novo passo o anima.

O espectroscopio descobriu positivamente a familia dos metaes da nossa terra e os signaes dos nossos gazes em todos os corpos luminosos distantes, e acha razão para acreditar que aquelles corpos têm tambem nascimento, madureza e decadencia. Dizem agora que Venus possui visivelmente os elementos necessarios para uma existencia planetaria muito semelhante á nossa; e que é velada contra o brilhante Phobo na sua forca por um manto especial de nuvens côr de perolas. Mas o maior de todos os enganos, considerando este assumpto, é em imaginar que as nuvens, a agua, os mares, e as terras, como nós temos, ou estes ou aquelles limites de frio e calor, de densidade ou rarefacção, como nós medimos e sentimos, são necessarios para as vidas mais altas ou mais baixas que podem encher as mansões do universo.

Um peixe, negro e sem olhos e sem bexiga natatoria, foi tirado recentemente do fundo do Atlantico do Sul por um navio francez de exploração. Uma tal creatura escura, sem vista e sem luz, se pudesse pensar não poderia representar mais aos sentidos que possui os habitantes vivos e coloridos da agua illuminada, ou as aves aquaticas, ou os animaes e homens e mulheres na alegre e verde terra, de que nós podemos imaginar os brilhantes seres que podem povoar as argenteas ilhas de Venus ou as nações mais frias que podem gosar da existencia nos vermelhos continentes de Marte, ou as finas e encantadoras formas que podem voltejar e brilhar no ardente hydrogenio da Coroa-Solar—tanto á vontade n'aquelle vivo fundido como os inglezes n'um nevoeiro de Londres—ou os espiritos mais sombrios que podem encher as vastas e vaporosas distancias de Urano e Neptuno.

Os pulmões do homem são realmente a equação vital da atmosphera do seu planeta como a sua organização é um specimen das suas partes componentes, e como as guelras de um peixe se accommodam com a agua. Não ha razão alguma para outras condições planetarias, ou estellares, ou mesmo cometerias e nebulosas não possam cada um para produzir a sua phase especial de vida, para que a inflamada fornalha de Syrio não seja como a frescura das nossas tardes de verão para as suas raças, e mesmo para que até a propria Esther seja a respiração e alimento para creações invisiveis, mas perfectas e substanciaes.

Affirmar meramente uma ideia tão larga e sujeita a discussão é elevar a vida humana a uma nova nobreza. Se existe uma hierarchia de vida, nós pobres e inferiores creaturas humanas, tambem nos movemos na sua magestosa corrente, da mesma forma que o pequeno globo que habitamos pertence ás constellações e ao firmamento.

Quando é que em presença de taes pensamentos a religião tomará conselho com a sua amiga e auxiliadora a Astronomia, e sem mudar a base ou o sentido das verdades confiadas a ella acerca da vida, da morte e da eternidade, as traduzirá na linguagem da esperanza inefavelmente magnifica, levantada por esta ultima palavra da sciencia, que parece indicar que mesmo o passar d'uma para outra estação da infinita belleza e ilimitada maravilha do universo material, pôde occupar a Eternidade?

O COMMENDADOR MENDOZA

POR
D. JOÃO VALERA

(Continuação)

Sei que o padre Jacintho, a despeito dos annos, está rijo como um carvalho, e por isso lhe prometto que ha de dar comigo longos passeios a pé e a cavallo, e ha de acompanhar-me a caçar perdizes. Tenho duas magnificas espingardas inglezas, que comprei em Calcuttá, e com as quaes caeci tigres, tão grandes alguns como burros. Verá como ha de gostar de atirar com essas espingardas ás pacificas e enamoradas perdizes, que acodem ao reclamo na estação dos amores.

Apezar da nossa idade, havemos de occupar-nos, se lór do seu agrado, em algumas coisas extremamente infantis. Voltaremos ao Paço do Solano, como ha quarenta annos, para caçar pintasilgos e ou-

Muito me alegra que ainda viva a tia Ramoncica. Disseram-me que em casa d'ella continda tudo como d'antes. Os mesmos moveis, a mesma creada Rifoela, e até o gaio, quer seja tambem o mesmo, que ainda vive por milagre do nosso Santo Patrono, quer seja outro que o substituiu, e parece a phenix renascida das proprias cinzas.

Desejo muito dar um abraço á tia Ramoncica, ainda que, seja dito entre nós, eu era mais amigo da pobre tia Victoria. Que nobre mulher aquella! Allirno-lhe que não encontrei no mundo mulher equal! Se tivesse encontrado, não seria um solteirão.

N'este ponto fui pouco feliz. Só achei mulheres inconstantes, de cabeça no ar, frivolas e sem alma. Apenas uma—foi em Lima—amou-me deveras: com amor ardente, mas criminoso. Eu amei-a tambem, por minha desgraça, porque tinha um genio de todos os diabos, e, amando-nos muito, a historia dos nossos amores compõe-se de uma serie de brigas diarias. Aquelles amores foram pesadellos, não de-leita. Ella era muito devota, tinha sido uma santa e

Enfim, já passou a mocidade, e não é tempo de pensar em romances.

Estou desenganado e aborrecido, posto que n'um desengano aprazivel e n'um suave aborrecimento.

Acabou-se-me a ambição; já não tenho desejos de gloria; não aspiro a ser indigitado pelo dedo vário; tenho mais bens de fortuna do que preciso; estou necessitado de repouso, de obscuridade e de socego; e por tudo isto retiro-me para Villabermeja; mas não para fazer penitencia, antes para viver vida regalada, tranquilla, cheia de ordem e bem-estar, cuidando muito de mim e vendo o que dura um commendador Mendoza bem conservado. Até agora ainda o estou. Não parece que tenho cincoenta annos mas sim que ainda não fiz quarenta. Nem um cabello branco, nem uma ruga. Não me chamam senhor, mas *senhorito*, e não faltam mulheres gentis que me qualliquem de moço, offendendo a minha modestia.

O maior desengano foi nas ideias e doutrinas, apezar de não ter sido bastante para me fazer mudar.



O LEÃO DE LUCERNA

tros passaros, ora com rede, ora com visco. Tenha-me prompto um bom par de reclamos.

Todas as coisas d'ahi apresenta-me á memoria com o encanto dos primeiros annos. Cuido que vou remeçar ao vel-as e gozal-as. Tenho vontade de tornar a comer coelho á caçadora, carneiro guizado, cabrito frito, empadas de anchovas, garpacho, linguças e outros primores de copa e cosinha, com que costumam regalar-se os sybaritas bermejinos. Nem por isso romperei com o costume contrahido em outras terras, mas tenho tenção de levar comigo um rapaz, que trouxe de Paris, o qual condimenta uns manjares, que estou convencido de que lhe hão de agradar, posto que tenham nomes quasi impossiveis de serem pronunciados por uma boca de Villabermeja; mas fique certo de que, sem os pronunciar mastiga-os, saboreia-os, engole-os, e sabem-lhe a gloria.

Ainda que lhe afflige re estranho, tambem hei de levar vinho para essa terra. Lembro-me de que vossa reverendissima era excellente provador; tinha um paladar muito fino e um nariz delicadissimo. Espero portanto que hade comprehender e apreciar o merecimento dos vinhos de *extranjis* que eu levar, e que lhe não cabirão no estomago como se cahissem n'um esgoto.

continuava a passar por tul, porque procedemos sempre com cautella e recato. Apezar d'isso, no fundo de sua attribulada existencia, no profundo da sua mente, orgulhosa e fanatica ao mesmo tempo, envergonhava-se de ter humilhado a sua soberba deante de mim, de se ter rendido á minha vontade, e tinha medo e horror de haver deixado por mim o bom caminho, offendendo a Deus, e faltando aos seus deveres. Sem attentar muito no que fazia, queria ella que eu pagasse tudo isto, considerando-me extremamente culpado. O que eu tive de supportar não se descreve. Creia-me, padre Jacintho, no peccado fiz logo a penitencia. Fartei-me de amores serios para muitos annos, e dediquei-me aos ligeiros.

Para que havemos de atormentar-nos com um assumpto que deve ser todo amenidade, regosijo e alegria?

Talvez por esta razão, e não porque raro se encontra *in rerum natura* nunca logrei o amor de uma tia Victoria joven. Se o tivesse alcançado, sou pouco terno de coração, mas não duvide de que eu havia de morrer abençoando-a, como morreu o cadete, ou teria conquistado por ella e para ella, não o posto de capitão, mas o mundo.

Deus me perdoe se estou em erro á força de o julgar bom. Acreditando n'elle e imaginando-o uma pessoa, tenho que imaginal-o tão bom quanto comprehendo que uma pessoa pode ser. Por conseguinte não completando o conceito, que forma da sua bondade, a gloria da outra vida por immensa que seja, supponho que esta vida que vivemos, por mais que sirva para ganhar a outra, tem em si um fim e um proposito, e não exclusivamente o ultramundano. Este fim, este proposito é ir caminhando para a perfeição, e sem nunca lograr alcançal-a aqui, ir-se aproximando d'ella cada vez mais. Acredito portanto no progresso; isto é, no melhoramento gradual e constante da sociedade e do individuo, tanto no material como no moral, tanto na sciencia especulativa como na que nasce da observação e da experiencia, e dá origem ás artes e ás industrias.

O melhor meio d'este progresso, e ao mesmo tempo o seu melhor resultado em nossos dias é, a meu ver, a liberdade. A condição mais essencial d'essa liberdade é que todos sejamos egualmente livres.

(Continua).